



ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOSOFIA

*Ad Veritatem*



**Discurso de posse de Edgard Leite na  
Cadeira no. 4 da Academia Brasileira de Filosofia.**

**28 de Agosto de 2012**

**Patrono: Alceu Amoroso Lima.**

**Primeiro Titular: Antônio Carlos Villaça.**

Alceu Amoroso Lima



Antonio Carlos Villaça



Senhoras e Senhores,

Agradeço a honra que me foi dada pelos excelentíssimos senhores membros desta Academia de integrar o seu quadro como membro titular. Agradeço de forma especial ao Presidente da Academia Brasileira de Filosofia, Prof. Dr. João Ricardo Moderno, que lidera esta casa com muita inteligência.

A Academia Brasileira de Filosofia é uma instituição de grande relevância cultural e científica, que desempenha um papel cada vez mais notável no cenário intelectual brasileiro.

No âmbito dos estudos históricos, minhas pesquisas sempre tiveram uma perspectiva de íntima aproximação com a Teologia e a Filosofia. Pensar a História numa perspectiva filosófica sempre foi, para mim, um expediente necessário, sem o qual parece-me difícil lidar com certas tensões e ansiedades que percebo nas ações dos homens no tempo.

Jorge Luiz Borges sustentou que a Filosofia e a Teologia eram subgêneros da literatura fantástica. Em um de seus contos, um personagem diz que leu na vida apenas dois contos fantásticos: “As Viagens de Gulliver”, de Jonathan Swift e a “Summa Teológica”, de S. Tomás de Aquino.

Sempre pressenti, como Borges, que a História também possuía uma dimensão fantástica.

Para Tsvetan Todorov, a percepção do fantástico emerge da “hesitação do leitor”, que gravita entre “uma explicação natural e sobrenatural dos eventos descritos”. Não depreendo razões sobrenaturais a partir do estudo dos eventos humanos: a leitura fundadora de Leonardo Bruni, historiador renascentista, ainda na Gradua-

ção, não permitiu que isto acontecesse no exercício do meu ofício, e o “Livro de Jó” foi bastante eloquente no sentido de desaconselhar tal movimento.

No entanto, entendo que os atos humanos guardam um mistério tão profundo, tão essencial e inalcançável, que nunca deixei de sentir a recorrente presença de um enigma em tudo, um estranhamento, que Borges pressente tanto nas “Viagens de Gulliver” quanto na “Summa Teológica”. Acabei por perceber esse estranhamento na existência da natureza, na experiência do passado, do presente e na projeção do futuro, na História e na minha própria vida. O aforismo de Heráclito de Éfeso: “A morada do homem: o extraordinário”, reflete o que sinto: o extraordinário é a morada do homem e a minha morada, também.

Entendo que a minha eleição para esta casa de filósofos represente um reconhecimento dos meus estudos e dos meus esforços, ou, pelo menos, das minhas tentativas. Nunca deixei de acreditar nos meus objetivos de estudo, e sou profundamente encantado pelos mistérios da existência, do tempo e da permanente busca humana de sentidos, sempre tão efêmeros e tão absolutos.

Como escreveu Antônio Carlos Villaça, a “tragédia do filósofo é a do conhecimento”. Um dos meus principais objetivos na vida, ou a minha tragédia, é precisamente o conhecimento e a busca de caminhos para aproximar-me do mistério do mundo.

Acredito no desdobramento silencioso e surpreendente dos eventos e dos momentos, e posso dizer que meus maiores e únicos adversários são internos e vencê-los foi sempre meu maior desafio. E agradeço sempre tudo que a vida me dá de forma natural.

Antonio Carlos Villaça certa vez escreveu ao seu amigo José Pinheiro Filho:

"Não fuja. Nunca jamais se isole. Não recuse nenhum convite limpidamente humano. Não seja uma sombra. Mas um ser vivo. Um ser humano. Aberto aos seres humanos".

Durante muitos anos demorei a entender essa passagem de "Os Saltimbancos de Porciúncula", até o dia em que percebi que era assim que eu buscava e busco viver.

É impossível agradecer às muitas pessoas que me ajudaram na minha caminhada. Penso que só nas minhas futuras memórias poderei dar conta de tantas que amei por essa ajuda, e com as quais aprendi a viver. Como nos ensinou Villaça, na memória construímos nossos reconhecimentos e gratidões.

No entanto, cabe-me dizer que minha mãe e meu pai nunca deixaram de dotar nossa casa de uma biblioteca extensa e ampla em conteúdos. Herdamos, eu e meu irmão, ao longo da infância e da juventude, muitas bibliotecas completas e ali, de fato, tivemos uma sólida e plural base literária. A biblioteca regional da Lagoa, instituição querida, fundada por Cecília Meireles, foi minha segunda casa por muitos anos.

Agradeço, ainda, a duas outras pessoas extremamente importantes na minha vida, do ponto de vista intelectual: Margarida de Souza Neves, minha orientadora de mestrado, que me apresentou a Santa Teresa de Jesus, e meu querido e inesquecível orientador de doutorado, Ciro Flamarion Cardoso, que me apresentou a Immanuel Kant.

Maimônides escreveu que o estudo da Metafísica começa pelo da Física. E, de fato, Kant começou a fazer parte de mi-

nha vida através da sua teoria sobre a nebulosa planetária original.

Devo a Ciro, também, a primeira orientação nos estudos da lógica budista, a indicação primeira do texto de Nagarjuna e as primeiras reflexões sobre o vasto campo do Vedanta.

A condição de judeu devo ao meu pai. Quando eu era criança ele contou-me, em detalhes, a cerimônia do Yom Kippur, do Dia do Perdão - tal como era realizada no Templo de Jerusalém. Essa narrativa histórica e moral impressionou-me muito e, naquele dia, aceitei essa tradição como minha. Tenho esta origem como um horizonte identitário querido e misterioso, um dom, que guardo como algo dignificante e, principalmente, como uma honra, que só é, no entanto, absoluta para mim. Isso porque não cabe a um homem livre, que vive numa sociedade livre, transferir a outro, ou a outros, o direito de domínio sobre sua honra.

Assim também me entendo como brasileiro, pela terra em que nasci. E acompanho, sobre o Brasil, a posição fundadora de José Bonifácio, um dos nossos inventores, em 1823:

"Dai-lhe [ao Brasil] que goze de liberdade civil... dai-lhe maior instrução e moralidade... então ele será feliz e poderoso... mostra a experiência e a razão, que a riqueza só reina, onde impera a liberdade e a justiça, e não onde mora o cativo e a corrupção".

E entendo-me, por fim, como ser humano, portador de todos os direitos e deveres, virtualmente infinitos, que a tradição iluminista e as grandes revoluções do século XVIII conferiram ao ser.

Mas considero, também, que minha mais profunda identidade permanece absolutamente envolta no mistério da existência.

É para mim uma inigualável honra e um grande presente da vida ter sido eleito para ocupar a cadeira no. 4, da Academia Brasileira de Filosofia, cujo patrono é Alceu Amoroso Lima e que foi nobremente ocupada por Antônio Carlos Villaça.

Neste ano comemoramos os 120 anos de nascimento do mestre Alceu, o Tristão de Ataíde, número que a tradição judaica entende ser o da plenitude de vida, idade na qual, segundo a lenda, morreu Moisés. Brevemente, daqui a três dias, Antônio Carlos Villaça faria, se estivesse vivo, 85 anos, apenas.

É também um grande presente da vida porque esta eleição veio para mim de uma forma muito suave, muito tranquila, como um reconhecimento não apenas da minha obra, ainda muito pequena, mas principalmente do grande respeito que nutri por esses dois grandes intelectuais brasileiros.

Lembro-me claramente da primeira vez que um artigo de Alceu Amoroso Lima me tocou. Eu já o conhecia, pois era leitor do “Jornal do Brasil”. Encontrei esse artigo numa época em que estava lendo, com muita intensidade, Jiddu Krishnamurti e Sri Aurobindo, e Alceu pareceu-me muito sintonizado com as questões metafísicas que me perturbavam em plena adolescência. Era um texto para mim obscuro, mas absolutamente desafiador.

O texto de Alceu em questão era uma longa digressão sobre a natureza do pecado. Era denso e profundo e, para uma pessoa que pouco sabia sobre cristianismo, cheia de conceitos desconhecidos. Lembro-me, no entanto, que o percorri e percebi, de forma definitiva, entre intrigado, espantado e maravilhado, a grandeza de Alceu.

Acordar-me para Alceu Amoroso Lima teve, como outros tantos momentos da

minha vida, a dimensão de uma epifania. Lido muito no meu meio familiar, ele era mais valorizado, no entanto, pelas suas posições políticas de oposição, ou por sua defesa da liberdade, numa época de coerção de direitos.

Na minha opinião de adolescente e de leitor de jornais, ele fazia um contraponto à figura de Gustavo Corção.

Mais tarde, estudando Alceu, dei-me conta de que essa dicotomia Alceu - Corção correspondia a um estranhamento real entre os dois, descoberta que me fascinou. Pois como é possível, perguntei-me, que desavenças possam se transformar em evento criador? Isso me mostrou muito sobre a natureza misteriosa das divergências intelectuais e de seus frutos.

O texto de Alceu sobre o pecado colocou-me diante de sua grandeza, não de articulista político, mas sim, de filósofo.

A história de Alceu está ligada a esta figura extraordinária, fundador do Centro Dom Vital, no distante 1922, que foi Jackson de Figueiredo, ou como o definiu Antonio Carlos Villaça, “figura poderosa... estranhíssima... um meteoro”.

Em Alceu e Jackson, como aliás também em Corção, existia um avassalador sentimento íntimo que buscava aproximar-se de forma total ao invisível e ao mistério do mundo. Todos os três experimentaram conversões ao catolicismo, que foram entendidas como movimentos ascensionais, ou como mais precisamente definiu Alceu, como alpinismos espirituais em direção à estratosfera intelectual, pelo caminho das virtudes.

Sempre me surpreendeu a identificação que Alceu fazia entre a busca da espiritualidade e o alpinismo e entre a ciência contemporânea e a espeleologia, a ciência do estudo das cavernas.

“Todo pensamento moderno”, escreveu “ao menos em sua ficção dominante e em sua inclinação espontânea, é de tipo espeleológico, podemos assim dizer”.

Na sua opinião, a modernidade queria aprofundar-se, descer, encontrar a fonte das coisas no concreto interior do planeta. Não desvendar o sobrenatural, mas sim o mistério oculto, subjacente à natureza, o segredo, ou, como se diz em hebraico, o *raz*,

Surpreendeu-me porque eu sou encantado por cavernas. Para mim as cavernas sempre foram mais interessantes que as montanhas. Eu as entendo como mais complexas, detentoras de lógica oculta, visível apenas na jornada exploratória, e exigem a luz para serem percorridas. E mesmo considerando que essa minha metáfora pode ser entendida como uma inspiração iluminista (e igualmente gnóstica), o que dizer, me perguntava, do Padre Jesuíta Atanasio Kircher, no século XVII, personagem católica e de espiritualidade fascinante, que dedicou tantos volumes a investigar os mundos subterrâneos?

Descer aos mundos subterrâneos ou ascender às montanhas? Qual a melhor metáfora para a aventura humana de aproximação ao mistério do mundo? Pensava. Júlio Verne, por exemplo, preferia ambas, mesmo porque entendia, como sabem os leitores de “Viagem ao Centro da Terra”, que para descer às profundezas era necessário perder o medo das alturas.

Alceu, no entanto, no seu humanismo, reconhecia que havia tanto mistério no fundo da terra quando no céu, o que está “embaixo de nossos pés”, dizia, “é tão misterioso como são os anéis de Saturno”. Tal ponderação tornava possível, para mim, entender e aceitar seu argumento. Acompanhando Alceu e Verne, reconheci assim a metáfora das monta-

nhas, ainda mais que tantos os antigos hebreus quando os indianos também subiam as montanhas para encontrar o Absoluto.

Eu descobri, portanto, que Alceu era um intelectual desafiador. Ele me fazia pensar: com ele comecei a entender e aceitar a pluralidade de explicações.

Villaça, tratando do processo pessoal de Alceu, considerava que o mestre passara por duas conversões: a primeira, junto a Jackson de Figueiredo, em 1928, que foi marcada por um grande conservadorismo, e uma segunda, após a morte dos mentores do Centro Dom Vital, Cardeal Leme e Padre Leonel Franca, em 1942 e 1948, quando então se aproximou novamente do liberalismo e distanciou-se de Jaime de Barros Câmara e Gustavo Corção.

De fato, segundo Villaça, Alceu, embora uma pessoa de direita, em sua primeira fase, apresentou reticências, por exemplo, à plena unção de Plínio Salgado pelo Centro Dom Vital. A mais decisiva posição, neste sentido, aliás, foi do próprio Cardeal Leme, numa reunião do líder integralista com as lideranças católicas. Mas a verdade é que estava contida em Alceu, desde as origens, uma dimensão política liberal.

Dessa maneira, após os anos 50, e, principalmente a partir de 1960, adotou posições crescentemente críticas aos poderes discricionários e a todos os movimentos que pretendiam limitar a liberdade do ser, tendo sido protagonista no jornalismo de oposição ao regime militar: “comecei bombeiro, morri incendiário” dizia.

Existia ali a influência decisiva desse pensador católico único e valoroso, que conheci primeiro por intermédio de Alceu, que foi Jacques Maritain.

Ser humano dotado de imensa grandeza espiritual e um dos redatores da “Decla-

ração Universal dos Direitos Humanos”, em 1948, Maritain buscou a aproximação do tomismo com o mundo moderno e contribuiu com esta peça singular do direito contemporâneo, a “Declaração Universal”, que foi, ao mesmo tempo, expressão do secularismo revolucionário do século XVIII, do utilitarismo e das teses centrais do direito natural, neste último caso por sua intervenção.

Alceu escreveu um texto notável sobre o tema dos direitos das pessoas, o fundamental “Os Direitos dos Homens e os Homens sem Direitos”, onde todo seu “humanismo integral”, está presente, imbuído da grandeza metafísica que soluciona o mistério da liberdade a partir da grandeza da liberdade de Deus. E, ao mesmo tempo, torna isso totalmente compatível com o espírito do Direito contemporâneo.

A afirmação de Alceu: “O Direito não resulta da força... pelo contrário, o Direito é redenção da força”, ecoa a afirmação de Maritain de que a Igreja pode e deve acompanhar o secularismo do nosso tempo a partir de suas próprias razões e utilizar tal experiência histórica em favor de seus objetivos espirituais maiores.

Anos mais tarde revi o texto que tinha lido no Jornal do Brasil durante a adolescência, sobre o pecado, quando foi publicado em seu “Tudo é Mistério”. Um livro denso, amarrado a diversas ortodoxias. No entanto, lembro-me perfeitamente, e retornei a isto inúmeras vezes, daquela frase singular, profunda e única, com a qual Alceu me fez refletir muito e que deu forma às minhas ansiedades e questões (e através da qual ouvia São Tomás de Aquino - e, como descobri depois, também Maimônides e Aristóteles):

“O velho paradoxo tomista”, escreveu, “é que nos devemos esforçar por vir a ser aquilo que somos.”

“Nos devemos esforçar por vir a ser aquilo que somos”. Esta afirmação traduz a percepção da realidade de um processo de individuação que sustenta a necessidade de realizar em nós mesmos nossa potência interior e sobre ela fundamentar nosso sentimento de identidade, nossa liberdade. Não devemos temer aquilo que somos, pois o que somos é a nossa realidade, nossa contribuição à pluralidade infinita que caracteriza a condição humana.

“Vir a ser aquilo que somos”. Esta frase resume, ao meu ver, a obra de Alceu e a mensagem libertária que deixou aos seus pósteros. E esta transparência torna clássica sua produção pois, como disse o mesmo Villaça: “o clássico conserva um frescor eterno”.

O nome de Alceu Amoroso Lima dá à cadeira no. 4 um perfil muito elevado, que cabe aos seus ocupantes honrar.

O primeiro desses ocupantes foi Antônio Carlos Villaça. Foi ele também quem fez o discurso inaugural desta Academia. Sua grandeza soma-se à de Alceu.

Conheci Villaça em algum momento em torno de 1987, apresentado por Afonso Carlos Marques dos Santos. Não me recordo com precisão aonde. Lembro-me bem, no entanto, que ele estava sentado, no meio de uma pequena multidão, um pouco alheio enquanto as pessoas moviam-se ao seu redor.

Eu já lera “O Nariz do Morto” e, como historiador, tanto o “História da Questão Religiosa no Brasil” quanto o adorável “Pensamento católico no Brasil”. Livro este, segundo nosso confrade Antonio Paim, que iniciou a “revisão do pensamento católico no Brasil” e que permanecerá sempre “como marco de extremo

valor heurístico”. Eu o conhecia, portanto. Mas por alguma razão não registrou sua aparência na minha memória.

Certa vez Villaça contou que em Pilar, na terra de José Lins do Rego, foi confundido com frei Damião, o Capuchinho. E, de fato, ele lembrou-me um capuchinho, embora soubesse bem que não o era.

Aproximamo-nos de Villaça. Este olhou primeiro para Afonso e depois para mim. Fomos apresentados. Ele olhou-me bem e percebi seu olhar penetrante e especial, mas não agressivo, muito suave. Sorri e disse que tinha muita honra em conhecê-lo. Ele assentiu, ainda olhando para mim, e apertei sua mão.

Tenho a impressão que este foi um daqueles momentos que Villaça às vezes menciona em sua obra, onde pessoas se encontram sem que saibam do papel preciso que uma desempenhará em relação à outra no futuro, tanto em vida quanto após a morte. Nesses encontros nada se pressente, tudo é absolutamente banal, mas depois nos damos conta de que foi algo mais do que um encontro normal. Nenhum de nós poderia saber, de fato, que me caberia ocupar sua cadeira.

Entendo aquele aperto de mão como uma experiência misteriosa, através da qual tornei-me, involuntariamente, o seu continuador. E, como discípulo, cabe-me honrar sua memória e retribuir tudo aquilo que dele recebi do ponto de vista humano, afetivo e intelectual.

Nunca deixei de ler Villaça. Inicialmente pela necessidade de aprender e entender: pressentia nele profundas diferenças com relação a mim. Ele era uma pessoa muito simpática, com grande capacidade de fazer amigos, e eu, ao contrário, era uma pessoa muito introvertida.

Mas, lentamente, fui-me dando conta que muitas coisas nos uniam: por exemplo, o

fascínio pela contínua descoberta da presença misteriosa de Jayme Cortesão nos mais surpreendentes recantos da Biblioteca Nacional; o encantamento por Silvío Romero, sua amplitude de visão e sentidos e seu papel na história da intelectualidade brasileira do século XX; a preocupação com o entendimento de “Invenção de Orfeu”, de Jorge de Lima (que ele pretendia ler no céu e que eu sempre tentei ler aqui na terra): a leal consideração por Luiz Edmundo, contra todas as opiniões em contrário; e o reconhecimento de Gilberto Amado, essa “força da natureza” como o definiu Villaça.

Mas, principalmente, encontrei nele a afirmação da sensibilidade. Ou, como escreveu:

"Tudo se resolve em termos de ternura. E em termos de perdão. A compaixão é o segredo último da condição humana".

Não há dúvida de que o amor é um sentimento notável, Gabriela Mistral o considerava infinito, bem diferente do ódio, que é limitado, breve e obtuso. Mas o perdão é igualmente sentimento de uma potência inigualável. A capacidade transformadora deste sentimento poderoso permite que o amor flua e se torne realidade permanente e que todos os sentimentos se rearrumem de forma harmoniosa. Creio que quem primeiro percebeu isso foi o profeta Ezequiel.

Assim, Villaça defendia a necessidade de experimentar a força suave e redentora do perdão, através da qual ascendemos para além do comum e vulgar. Por ele é possível ir muito além das limitações pessoais e alcançar a raiz da grandeza humana, entender e admirar aquilo que as pessoas são, na profundidade e nobreza de suas ações e nos acertos e equívocos das suas justificações. E, principalmente, entender e ser capaz de perdoar a si mesmo, alcan-

çar, no subterrâneo de nossas almas as mais íntimas contradições e aceitá-las:

Como dizia Alceu, “vir a ser aquilo que somos”.

Acabou nos unindo, assim, também, esse fascínio pelo humano e o necessário e imprescindível sentimento que lhe segue: o buscar o amor e exercitar com calma e temperança o sentimento do perdão. Fundamento de toda generosidade. De certo que eu apenas entendi Villaça depois de muito tempo de vida, o que só fez com que meu sentimento de gratidão a ele crescesse exponencialmente ao longo dos anos. Ali via a justiça de acreditar no fenômeno humano e em sua essencial pluralidade.

A vida de Villaça parece com a de seu mestre Alceu. Também ele experimentou a volúpia da conversão, o encantamento com a transcendência redentora. Assim optou, muito jovem, por entrar no mosteiro dos beneditinos, experiência que narrou de forma tão pungente em todas suas memórias e cujos ecos repercutem aqui e ali nas suas lembranças.

Mas Villaça foi, talvez, mais visceral e profundo que o mestre: ele esgotou todos os desejos que o moviam ao isolamento da vida no âmbito do aprisionamento institucional. Não se satisfez com o fracasso da experiência beneditina, tentou o convento dominicano e, depois, o seminário secular. “Não fuja”, escreveu, é necessário ir sempre em frente atrás daquilo que buscamos.

Nele também está presente, assim, este enigma do sentimento religioso, que é maior do que as instituições que o abrigam, e que, na era do privado e do individual, se justifica principalmente a partir do indivíduo e de sua solidão diante do mundo.

Tal fenômeno só uma sociedade livre, de múltiplas identidades, é capaz de tornar visível.

Trata-se de uma experiência do mistério das coisas que não é linear, nem restrita, mas que permite ao humano ir além do visível, ser o que a sua consciência inspira, descobrir na grandeza do instante o encanto do infinitesimal temporal que nada é, mas é tudo que temos.

Em Villaça não parece haver instituição que possa conter totalmente esta ação humana livre construtora de sentido, que elabora no sentimento um significado para uma vida efêmera mas que é, naquele momento, dotada de infinitude e eternidade. Você não cabe no mosteiro, disse-lhe um dia Gilberto Amado. “Mas o mosteiro cabe dentro de mim”, retrucou Villaça.

Antônio Carlos Villaça nos mostra, portanto, o quanto é necessário ir adiante sempre, não hesitar em atravessar os limites de segurança para tentar sentir e entender tudo que acontece, até o final, até o completo esgotamento do processo, ou do ser, até a morte. E, então, renascer, ressurgir, recomeçar.

Em hebraico a palavra emet, verdade, contém em si a palavra met, morte. Esta morte que é verdade da vida, ou como nos dizia Buddha, o sábio do clã dos Xáquia, a essência da existência. É este o eixo em torno do qual gravitam os sentimentos de mistério e estranhamento na obra de Villaça.

Todas as paixões, todos os desejos e ansiedades se realizam diante da morte, do mistério do não-existir. Assim, escreve:

“A morte está dentro de nós. Caminha conosco. Vai indo conosco pelas ruas do mundo, tão humilde, tão invisível, tão escondida. Ela se constrói lentamente,

dentro de nós. Dialoga silenciosamente conosco",

E é a partir dela que se encontra a verdade, a verdade da vida:

"Morte implica logo a idéia de vida, exige a presença fortíssima, soberana, da vida".

É este movimento que permite engendrar a identidade humana, ou a sua liberdade:

"Tudo está em aceitar", escreveu no seu "Diário do Faxinal do Céu", "Sim, aceitar a vida. Aceitar a morte. Aceitar as chuvas e os ventos. Os dias e as noites. As horas, os minutos. A longa jornada nossa rumo à noite".

E depois, nos "Saltimbancos de Porciúncula", assevera:

"O segredo da condição humana, meu Deus, é apenas transformar as adversidades em pura felicidade". Diríamos transformar o não-existir em existir, a percepção do fim no entusiasmo do começo, a impossível percepção do infinito do tempo do espaço no encantamento pelo finito e pelo momento.

Vivos, emancipados do temor da morte pela sua aceitação, a liberdade adquire sua maior consistência e grandeza. Criamos, inventamos, reinventamos a nós mesmos. Assim, continua Villaça:

"O homem é isso, a audácia da liberdade. A liberdade criadora."

Gilberto Amado estava certo: uma alma livre não pode caber dentro de muros, e Villaça também: um ser emancipado pode conter em si todos os mosteiros, sinagogas, castelos, moradas e templos possíveis e impossíveis.

Porque ele é o senhor absoluto de sua vida neste instante em que está vivo, no limiar permanente do extraordinário.

Senhoras e senhores:

"Ser aquilo que somos", escreveu Alceu, e ser é reconhecer. Reconhecer o que

somos. Este é um grande objetivo de toda física e metafísica.

Objetivo que beira o impossível, porque a realidade nunca para de se desdobrar e se descobrir, na medida em que somos seres infinitos, de múltiplas identidades, com muitos sentidos e momentos, e lidamos com este mistério do tempo e do espaço, da vida e da morte.

Mas é um horizonte honroso para um ser que busca a liberdade, pois o coloca diante do mistério da existência. Mistério libertador das realidades que aprisionam o humano nesse universo de certezas.

"Aceitar a vida. Aceitar a morte. Aceitar as chuvas e os ventos. Os dias e as noites. As horas, os minutos". Aceitar e reconhecer o mundo, como ele é, a nós mesmos, o que somos.

Quando assim caminhamos, sugere Villaça, o mundo se torna doce, terno e amigável, a amizade e o amor se realizam, e nada mais há a temer, as adversidades se transformam em pura felicidade. Tudo que existe está aqui, neste instante: é a vida.

Esta, assim penso, é a mensagem de Villaça, esse nosso maior filósofo moralista, como bem o definiu Wilson Martins.

Devemos realizar a liberdade de ser o que somos, a liberdade de escolher, a liberdade de encontrar, amar, perdoar e reencontrar, a liberdade de conhecer e reconhecer, a liberdade de aceitar.

É esta uma utopia íntima e delicada. Cheia de humanidade, ternura, sentimento e verdade. Vale a pena seguir seu caminho.

Obrigado.